

TRAJETÓRIAS FEMININAS NO COMPLEXO DA MARÉ: contribuições da juventude

*Cristiano Sant'Anna
Isadora Souza da Silva
Mariana Muniz Oliveira*

Resumo

O presente texto, que é fruto de três pesquisas em educação, busca compreender como jovens de uma região periférica de uma grande metrópole se entendem como mulheres e se relacionam socialmente. Investigamos, assim, suas percepções do seu lugar de moradia e/ou pertencimento e o modo como as jovens lidam com questões sexistas que atravessam essas regiões. Para tal empreitada, lançamos mão de um breve olhar para as favelas em sua relação construída historicamente de exclusão com a cidade. Optamos por utilizar um referencial teórico feminista negro (hooks, 2019; LORDE, 2019) para melhor compreender as narrativas das jovens, além do referencial etnográfico clássico. Utilizamos, além dos dados das três pesquisas supracitadas, entrevistas com jovens mulheres moradoras do Complexo da Maré com faixa etária entre 20 e 21 anos.

Palavras-chave: feminino; resistência; favela; Complexo da Maré.

FEMALE TRAJECTORIES IN COMPLEXO DA MARÉ: youth contributions

Abstract

The present text, which is the result of three research studies in education, seeks to understand how young people from a peripheral region of a large metropolis understand how women and socially relate. We investigate, therefore, these people are making their place of residence and the way they deal with sexist issues that cross regions. For this endeavor, we take a brief look at favelas in their historically constructed relationship of exclusion with the city. We chose to use a black feminist theoretical framework (hooks, 2019; LORDE, 2019) to better understand how youth narratives go beyond the classic ethnographic framework. In addition to the data from the three aforementioned surveys, we used interviews with young women living in Complexo da Maré aged between 20 and 21 years.

Keywords: feminine, resistance, favela, Complexo da Maré.

TRAYECTORIAS FEMENINAS EN EL COMPLEXO DA MARÉ: contribuciones de la juventud

Resumen

El presente texto, que es el resultado de tres estudios de investigación en educación, busca comprender cómo los jóvenes de una región periférica de una gran metrópolis entienden cómo las mujeres y socialmente se relacionan. Investigamos, por tanto, cómo estas personas están haciendo su lugar de residencia y la forma en que abordan los temas sexistas que atraviesan las regiones. Para este esfuerzo, damos una breve mirada a las favelas en su relación históricamente construida de exclusión con la ciudad. Elegimos utilizar un marco teórico feminista negro (hooks, 2019; LORDE, 2019) para comprender mejor cómo las narrativas juveniles van más allá del marco etnográfico clásico. Además de los datos de las tres encuestas mencionadas, utilizamos entrevistas con mujeres jóvenes que viven en Complexo da Maré con edades entre 20 y 21 años.

Palabras clave: femenino; resistencia; favela; Complexo da Maré.

INTRODUÇÃO

*Y la culpa no era mia
Ni donde estaba
Ni como vestia
El violador eras tú!
(Um violador em teu caminho)*

De olhos vendados e dedos em riste milhares de mulheres entoaram os versos que abrem esse texto em diversos países ao redor do mundo, no ano de 2019. Com o início nas manifestações chilenas que compuseram um cenário de ataques às medidas de austeridade econômica e que tiveram a América Latina como epicentro, no mesmo ano em que governos conservadores ocupavam espaço de destaque no cenário político, essas mulheres enfileiradas e empoderadas, gritavam ao mundo que *todo Estado opressor é um macho violador*. Eram mulheres feministas do sul do globo, em sua maioria mulheres jovens.

A letra da música não receia em dar nomes e apontar quem são os violadores do corpo feminino. Estado, policiais, presidente e juizes são as representações da falta de políticas públicas que asseguram a vida da mulher, e são, não raras vezes, eles próprios a representação da permissividade da violação. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) em relatórios de 2018, a cada seis horas, uma mulher é assassinada, vítima de feminicídio no mundo, sendo que mais da metade desses assassinatos, 58%, foram realizados por conhecidos das vítimas, muitas vezes ex-companheiros.

Na letra que girou o mundo, ganhando ruas em Istambul, México, Brasil e Paris essas jovens mulheres denunciavam que era a sociedade patriarcal que sustenta a cultura de violência contra a mulher. Denúncia essa que compõe as agendas de diferentes expressões do movimento feminista ao longo de sua historicidade.

O que buscamos nessa breve reflexão, que são recortes, encontros e desdobramentos de três pesquisas em educação, é entender como jovens de uma região periférica de uma grande metrópole se entendem como mulheres e se relacionam socialmente. Quais são as suas percepções do seu lugar de moradia e/ou pertencimento e como lidam com questões sexistas que atravessam essas regiões. Para isso, foram utilizadas além dos dados das pesquisas supracitadas, entrevistas com sete mulheres moradoras do Complexo da Maré com faixa etária entre 20 e 21 anos.

Ressalta-se que, por se tratar de entrevistas do tipo semiestruturadas, não havia um roteiro prévio, o que delimitaria muito a possibilidade de respostas apresentadas. Assim, as entrevistas contaram com algumas questões formuladas *pe/xs*¹ pesquisadores, além de outras questões que surgiram no momento mesmo da interlocução com xs sujeitos de pesquisa.

Além das entrevistas, utilizou-se a etnografia como forma de investigação. Isso porque apenas um *mergulho em profundidade* proporcionado por esse método de investigação é capaz de captar as nuances muito particulares do viver/estar na Maré. Acreditamos que “[...] fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado,

¹ Por acreditarmos que o binarismo presente na língua corrobora com a visão dualista e limitada dos gêneros, neste trabalho usaremos a marcação do tipo neutra a fim de ampliar as possibilidades de designação dxs participantes. Assim, os artigos, pronomes e substantivos presentes nos textos aparecem com a marcação x. Pedimos desculpas, caso, por vezes, a pesquisadora mantenha as formas de feminino e masculino, tão intrínsecas à nossa construção social e linguística. Destacamos que o uso do neutro é um exercício de desconstrução e, como tal, está em processo.

cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos.” (GEERTZ, 1989, p. 20).

Nesse sentido, vemos a etnografia como uma metodologia de especial captação da realidade investigada, pois entendemos que o arranjo territorial e social desse espaço exerce profunda influência na vida social de todos que nele habitam. Fazer etnografia exige dos pesquisadores um aprofundamento no aporte teórico da antropologia, já que é essa área de conhecimento que inaugura a utilização da etnografia como método que se caracteriza pela investigação da vida de mundos simbólicos de grupos sociais segundo leitura de mundo do pesquisador mediante convivência por um longo tempo no *locus* pesquisado. Na pesquisa em questão, há um duplo movimento, pois os pesquisadores são também professores na Maré.

Dessa maneira, apesar da realidade que se descortina a nossos olhos não ser nova, o pesquisador deve desenvolver mecanismos de *estranhar* a realidade em que se insere, como salienta Velho (1978, p. 126-127):

Ainda que dentro da grande metrópole, seja Nova York, Paris ou Rio de Janeiro, há descontinuidades vigorosas entre o “mundo” do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele, mesmo sendo nova-iorquino, parisiense ou carioca, possa ter experiência de estranheza, não-reconhecimento ou até mesmo choque cultura comparáveis à de viagens a sociedades e regiões “exóticas”.

O autor apresenta, assim, a potência de se pesquisar um universo de que também o pesquisador faz parte sem que perca a capacidade de relativizar sua própria cultura e entender as múltiplas possibilidades de significação da cultura do *outro*. Nessa ótica, as dimensões de professor e pesquisador se imbricam e se alimentam o tempo inteiro fazendo com que a pesquisa mantenha o grau de objetividade necessário ao fazer acadêmico, utilizando o *grau de familiaridade* dos pesquisadores como uma potência sobretudo na interlocução com os sujeitos de pesquisa, de quem não somos desconhecidos.

Pensamos com Geertz (1978, p. 21): “O que devemos indagar é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou orgulho”.

Essa indagação só é possível através de uma investigação minuciosa, com vistas a apresentar e problematizar o universo de significados dos grupos sociais, por meio de vivência longa e contato profundo com aqueles com os quais o antropólogo desenvolve uma relação dialógica promovida pela interlocução.

Na observação participante, o pesquisador é sujeito ativo da realidade pesquisada. Essa técnica, por sua configuração, é amplamente utilizada na antropologia. O observador, como participante no evento, não é apenas um pesquisador. Ele próprio é sujeito da pesquisa: assim, seus sentimentos e emoções constituem também dados. Além disso, o pesquisador pode estudar suas emoções e reações, como fonte de viés, e analisar em que medida suas ações foram influenciadas por seus sentimentos.

A antropologia, em sua capacidade de observação de uma população em particular, é um campo de estudos que pressupõe a negação da rigidez nos métodos de investigação e no objeto de investigação em si. Em etnografia não há nada pronto, antes há um todo a ser visto e compreendido, exigindo do pesquisador a capacidade de se deixar *ser afetado* conforme Favret-Saada (2005).

Aquilo que não seria originalmente fonte de investigação aparece como uma potência no contexto mesmo em que se insere. Desta forma, entendemos, vivenciamos, absorvemos e fomos

absorvidos por esse território/campo de pesquisa. A Maré, assim, se apresentou a nós, e nós a narramos em toda minúcia que conseguimos captar. Eis a Maré.

O COMPLEXO DA MARÉ: NOSSO LUGAR DE FALA E ESCUTA

A relação das favelas com o restante da cidade é de especial importância para a investigação proposta na presente pesquisa. A transformação da favela em algo a ser sanado é elemento essencial para a tomada de medidas com vistas a reduzir o impacto desse arranjo habitacional na metrópole.

A citação de Valladares (2000, p. 12) elucidada a maneira negativa pela qual a favela foi vista desde seu surgimento, ainda no início do século XIX:

Data do início do século não apenas a descoberta da favela, mas também a sua transformação em problema. Aos escritos dos jornalistas junta-se a voz de médicos e engenheiros preocupados como futuro da cidade e de sua população. Surge o debate em torno do que fazer com a favela, e já na década de 20 assistimos à primeira grande campanha contra essa *lepra da esthetica*. Em 1930, o plano do urbanista francês Alfred Agache, voltado para a remodelação e embelezamento do Rio de Janeiro, denuncia o perigo representado pela permanência da favela.

Observa-se que este movimento, apesar de antigo, continua se perpetuando em nossos dias, já que em diálogo com o projeto de condução dos mais pobres às áreas mais afastadas da cidade, há uma visível estratégia de ocultar realidades. Também a Maré se insere nesta ingrata lógica, já que margeada por três grandes vias da cidade, Avenida Brasil, Linhas Vermelha e Amarela, é separada pelas duas últimas por grandes placas que não permitem ver o que há para além delas.

O Complexo da Maré tem sua origem em casas de palafita que se estendem por áreas de manguezal às margens da Baía de Guanabara. Como o próprio nome revela, este espaço tem sua história profundamente relacionada com as águas, já que o esforço constante de adaptação ao movimento de subida e descida das marés se consolidaria como uma das marcas dos mareenses: o empenho na construção de suas moradias ainda que em espaços inundáveis, de que são exemplos os brejos e manguezais. Assim se explica o segundo componente do nome do maior complexo de favelas do Rio de Janeiro.

Ressalta-se, assim, que não se trata apenas de uma Maré, são 16 Marés. O trabalho realizado com moradores para a pesquisa mostra que eles não fazem uso do termo Complexo da Maré e nem Conjunto de Favelas da Maré, acionando o nome da favela ou subárea em que moram. Cada favela que compõe a Maré possui inúmeras particularidades territoriais, culturais, econômicas e sociais.

A ocupação da Maré segue um percurso longo, tendo início em 1940, data da ocupação do Morro do Timbau, e se estende até os anos 2000, sob duas perspectivas: uma realizada pelo governo, sob a forma de programas habitacionais, e outra, realizada pelos moradores, de forma espontânea. Por meio de decreto municipal, o conjunto das favelas da Maré, que antes eram distribuídas por três bairros da cidade, formam o bairro Maré, criado em 1994.

Observa-se que a diversidade arquitetônica se relaciona com essas duas formas de ocupação, já que além das particularidades intrínsecas à construção espontânea, de que são exemplos as idiossincrasias das casas, palafitas e barracos, também os conjuntos habitacionais construídos pelo poder público apresentam suas especificidades, pois não formam um único projeto habitacional.

A formação geográfica em que as habitações se encontram também contribui para as diferenças, já que, ao se distribuírem por morros, áreas planas e áreas alagadas, se materializam em uma miríade habitacional, formando um emblemático mosaico na paisagem do Rio de Janeiro.

Os dados do Censo Populacional da Maré 2019 nos ajudam a pensar na pujança desse espaço. O Conjunto de Favelas da Maré tem população de mais de 139.000 habitantes divididos por suas 16 subáreas. Esses moradores se dividem entre 47.758 domicílios, segundo o Censo da Maré realizado no ano de 2019.

Esses números comprovam a grandeza da Maré, que transcende sua relação com a cidade, por representar mais de 9% da população residente em favelas no Rio de Janeiro; em perspectiva nacional, é mais populosa do que 96% dos municípios brasileiros, superando a densidade demográfica de muitos desses municípios.

A pujança desse território confirma a necessidade de pesquisas que permitam o entendimento da configuração desse espaço, bem como se tornem ferramentas em prol da melhoria de vida dos mareenses.

Um espaço tão amplo como a Maré não conta com um modo único de ocupação. Ressalta-se que sua ocupação se inicia ainda na década de 1940 com o Morro do Timbau e ocorreu de forma espontânea. Sessenta anos separam a primeira da última ocupação, que se deu nos anos 2000 com o chamado Novos Pinheiros (Salsa e Merengue) por meio de intervenção pública em esfera municipal em programa chamado *Morar sem risco*². Essas diversas formas de chegar/permanecer na Maré se refletem nas diferentes configurações habitacionais que contam com maior ou menor planejamento urbanístico.

Já foi anteriormente discutida a relação entre a gênese das favelas e sua construção social do lugar da carência. Assim sendo, a leitura negativa da Maré (como de outras favelas) entrelaça-se com a própria construção desse espaço. Varela (2002, p. 2), acerca das dificuldades habitacionais, bem como sobre o esforço produtivo desses moradores, acrescenta, demonstrando que a gênese desse espaço, assim, é resultante do binômio complementar criatividade e resistência:

Essa maneira de construir [sobre as águas] era o oposto da construção tradicional em terra firme. O terreno ali era determinado pelas palafitas, estacas verticais, fncadas na lama, e era a partir dessa base que se construía uma base horizontal, também de tábuas de madeira, para se erguer a habitação. A madeira usada nessas construções apodrecia rapidamente e tinha que ser trocada. Assim, além de não serem fixos como as casas em terra firme, os barracos estavam em permanente processo de reconstrução.

Além dessa separação, concreta e simbólica, há ainda um muro invisível, já que apesar de estar em posição privilegiada na cidade e próxima a acessos de entrada e saída, os moradores destas áreas são vítimas de outros processos de exclusão, como a dificuldade de acesso a serviços públicos, de que são exemplos a limitação em entregas dos Correios e a impossibilidade de transitar pelos becos e vielas senão a pé.

Não apenas caminhando lado a lado com a violência, os moradores da Maré simbolizam a resistência. É interessante notar que a dinâmica espacial bem peculiar das favelas está intimamente ligada a um valor muito caro a esses lugares: o senso do coletivo e a capacidade de desenvolver

² Fonte: SANTOS, Shyrlei Rosendo dos. O que será que será que se sussurra pelas favelas: o que e como projetam o futuro os jovens da última etapa do Ensino Médio, na favela da Maré? Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

estratégias frente às dificuldades econômicas, que estão intrinsecamente ligadas à “[...] autoconstrução e a participação comunitária” (VARELLA, 2002, p. 44). Isso porque os puxadinhos e as lajes surgem, muitas vezes, como possibilidade de extensão das casas a fim de receber familiares que vêm do interior rumo à metrópole com o sonho de um emprego digno ou como forma de implementação de pequenas *biroscas* pequenos espaços que se destinam à realização de formas de aumento de renda, como barbearias, bares.

Este trabalho estabelece diálogo com uma literatura insurgente sobre a Maré enquanto espaço de resistência e criação artística. Assim, longe de reificar visões do senso comum que destinam a outras favelas e à Maré discursos relacionados apenas à violência e ao tráfico de drogas, busca-se no presente trabalho apontar uma outra Maré: um espaço em que por meio da criatividade são criticadas as condições impostas a seus moradores, bem como criam formas de fazer arte por meio daquele espaço.

Para tal tarefa, lançamos olhar para a veia aberta rumo a uma mudança de perspectiva sobre as favelas ecoa na produção teórica mais recente. A proposição de Barbosa e Silva (2013, p. 115) segundo a qual “[...] ao se afirmar na paisagem urbana, a favela se torna um fenômeno em questão para a sociedade, exigindo o desvelamento de seu sentido social, político e territorial” reforça a exigência da retirada do lugar à margem que foi historicamente imposto a esses espaços.

Neste sentido, é impossível não ressaltar a luta dos coletivos sociais em suas reivindicações por mais aparatos do Estado, políticas de urbanização, tratamento mais humanizado nas relações entre forças policiais e territórios favelados, bem como o reconhecimento desses espaços como produtores de cultura.

Este trabalho está em íntimo diálogo com uma literatura insurgente, que colabore com a retirada da favela do lugar de carência ao apresentar a complexidade das relações que se tecem no interior desses espaços tão significativos para a cidade. Concordamos com Alvito e Zaluar (2004, p. 26) ao postularem que:

Estudar uma favela carioca, hoje, é, sobretudo, combater certo senso comum. [...] É também tentar mostrar, por exemplo, que a favela não é o mundo da desordem, que a ideia de carência (comunidades carentes), de falta, é insuficiente para entendê-la. É, sobretudo, mostrar que a favela não é periferia e nem está à margem.

Nossos achados etnográficos também comprovam a riqueza da Maré. Encontramos uma feira extremamente diversificada, a se realizar todos os sábados: a feira da Teixeira. Há ainda um variado comércio, espaços culturais como museus, aparelhos do Estado, como clínicas e escolas, uma Vila Olímpica. A fala de Arizona, moradora da Maré e uma de nossas interlocutoras é ilustrativa:

Para mim, eu acredito que morar na Maré ou como em qualquer outra comunidade tem seus lados bons e ruins. Alguns lados bons são: “tem tudo perto, sabe?”, as pessoas falam, conversam, os vizinhos são muito amigos, as coisas normalmente são mais baratas. Tem muita coisa boa, tem muita lojinha perto, você não precisa andar muito pra nada. Se faltar um gás, tem perto. Se faltar um pão, tem perto. Tem tudo muito perto: tem cabeleireiro, tem padaria, tem mercado, tem escola. Tudo muito perto. (ARIZONA, 21 anos)

É sob essa perspectiva relacional que apresentamos a Maré, mostrando que às coisas, pessoas e espaços marcadores de violência se juntam tantos outros elementos comuns a qualquer espaço da cidade.

Não estamos a seguir este caminho sozinhos, já que, conforme apontado, há, nos últimos anos, um esforço significativo em ampliar a visão da favela, rompendo com a visão de carência, construída já em sua gênese. Neste sentido, pensar-se-á numa Maré outra, trilhando o itinerário não de sua ausência (já muito apresentado e o tempo todo presente no discurso midiático na atualidade), mas de suas potências.

O caminho da produção artístico-cultural-intelectual se faz presente na especificidade das tantas favelas do Brasil e do Rio de Janeiro, que são verdadeiros espaços de criação de elementos intrínsecos à nossa identidade cultural. Exemplos disso são o samba, que nasce nos morros do Rio de Janeiro, e a música *funk*. Graças às limitações deste trabalho, debruçar-se-á sobre essa perspectiva investigativa tendo por cenário a Maré, entendendo que ela pode ser analisada como uma amostra da produtividade de outras favelas.

A Maré historicamente apresentava uma carência de espaços educativos, porém observa-se que houve nos últimos anos uma expressiva ampliação do número de vagas, impulsionada pelo apelo de moradores e instituições sociais. O território conta hoje com 44 escolas, apesar disso, a oferta de vagas para os últimos anos da educação básica, ainda é insuficiente, sendo esse número mais deficitário no que tange o ensino médio. Em 2019, em visita ao Museu da Maré, o professor da Universidade de Coimbra Boaventura de Sousa Santos recebeu dos estudantes o apelo para a criação de mais escolas de ensino médio na Maré.

Uma importante conquista foi a criação do *Campus* Educacional da Maré, construído entre 2015 e 2016. A Escola Municipal da Paz, investigada na presente pesquisa, é uma das oito que o compõe. Lançaremos um olhar mais apurado sobre essa escola em momento posterior.

Os dados comprovam um avanço em muitos quesitos. Nota-se, porém, que ao lado das melhorias promovidas pelo poder público, ao cumprir seu papel de promotor de bem-estar social, há um visível esforço de instituições e mobilizações populares com vista à execução de iniciativas promotoras de avanços nas questões urbanísticas bem como de ordem social. Esse esforço constante revela que a Maré, assim como outras favelas, ainda se encontra à margem de algumas políticas públicas.

Um exemplo disso é a Casa Preta da Maré que possui como objetivo principal “[...] criar um espaço de formação teórica-metodológica e política para trabalhar as questões étnico racial no conjunto de 16 favelas que formam a Maré, como forma de enfrentar o racismo estrutural que caracteriza a sociedade brasileira” conforme informação do *site* da organização Redes da Maré.

Exemplo do coletivo de mulheres desde 2016, a Casa das Mulheres da Maré é uma iniciativa que fomenta o protagonismo de mulheres da região, reconhecendo o papel histórico dessas mulheres e o quanto elas são responsáveis pelas lutas e conquistas sociais dessas comunidades. Mas o entendimento de luta coletiva não tem início nos últimos anos, ele atravessa décadas, como veremos a seguir.

UM OLHAR PARA O MOVIMENTO FEMINISTA – DE NORTE A SUL – E SUAS REVERBERAÇÕES NA MARÉ

*Feministas são formadas, não nascem feministas
(bell hooks)*

Pensar nas construções identitárias de mulheres em periferias nos remete às linhas introdutórias de bell hooks (2019, p. 23), no livro *Teoria feminista - da margem ao centro*, em que a autora inicia seu texto dizendo: “[...] estar na margem é fazer parte de um todo, mas fora do corpo principal”. O curto prefácio muito nos ensina sobre a importância de sabermos em que lugar estamos, em qual lugar nos colocam, mesmo contrário à nossa vontade.

A pensadora feminista negra aborda como pessoas negras viviam a segregação racial norte-americana, em qual medida seus corpos e seus espaços eram delimitados sempre à margem. Utilizando a imagem simbólica de uma linha férrea que separava o território de moradia dessas pessoas, ocupados com barracos ou casas abandonadas da parte da cidade urbanizada onde podiam trabalhar, a autora faz alusão as diferenciações dos verbos citados na seção acima. Essas pessoas podiam *ir*, mas não *viver* no outro lado da margem.

No entanto, o que mais nos interessa nessa reflexão inicial de hooks (2019, p. 24) é a capacidade de olhar por diversos ângulos “[...] olhávamos tanto de fora pra dentro, quanto de dentro pra fora”. E o que aprendemos com isso? O que nossas meninas-mulheres têm em comum com negros norte-americanos descritos por hooks?

Elas estão à margem, são mulheres de periferias, são *crias* das favelas e quebradas, mas não por isso se veem a margem da sociedade. Essas meninas-mulheres transitam em diferentes territórios sabendo de onde vêm e para onde querem ir. A consciência de seus lugares de origem e/ou pertencimento não invalida ou suprime seus desejos e sonhos, isso as faz ter consciência política para subversão de uma ordem imposta. Como bem disse a autora, a periferia é parte necessária para o todo, mas não para manutenção de uma ordem segregadora e sim, para superação desta.

Não muito diferente do movimento feminista negro norte americano, as mulheres das periferias brasileiras já construíram seus espaços, subvertiam as regras impostas por um modelo de sociedade machista patriarcal. A unidade escolar, local de partida (e encontros) das pessoas desse texto, foi cenário de algumas histórias que retratam isso, mesmo antes dela ser institucionalizada pública.

Um dos poucos espaços cobertos que pudessem acomodar mais de 50 pessoas, foi em seu pátio que mulheres trabalhadoras se organizavam e construíam suas pautas de lutas e reivindicações já desde os anos de 1960. Dessas organizações originou-se a primeira creche comunitária para atender aos filhos das mães trabalhadoras que até então organizavam seus trabalhos informais em forma de rodízio para que uma pudesse tomar conta do filho da outra.

Desse mesmo espaço surgiram reivindicações e conquistas por saneamento básico e iluminação pública a partir de coletivos de mulheres, representadas pela Chapa Rosa, que ocupou a Associação de Moradores e Amigos de Nova Holanda (AMANH) por três gestões obtendo conquistas consideráveis no âmbito da saúde, da educação, do saneamento e da habitação. A Nova Holanda foi praticamente urbanizada e novas instituições (creche, escola comunitária, posto odontológico e cooperativa, a COOPMANH) foram criadas para lidar com projetos específicos que eram implementados nas áreas de educação, de saúde e de habitação.

A construção de luta dessas mulheres, trabalhadoras e moradoras de periferia contradiz teorias feministas criadas por mulheres privilegiadas, na maioria de pele branca e pertencentes a territórios também de privilégios, cuja percepção de realidade dificilmente abarca experiências vividas pela classe trabalhadora residente em favelas, sendo essa uma das maiores críticas do feminismo negro.

Por isso nos interessa entender, na tentativa de decolonizar posturas e saberes, como essas mulheres que protagonizam lutas cotidianas, que partem dos movimentos sociais, das ruas, dos cotidianos urbanos das favelas e não acadêmicos, pensam o feminismo, se constituem enquanto mulheres e dão conta das suas sexualidades.

MULHERES DA MARÉ

*É muito difícil se desconstruir em um lugar onde o tempo todo
o que mais se vê são mulheres contra mulheres
(Kika, 21 anos)*

Nosso esforço nessa pesquisa foi em tentar entender como jovens veem o *ser mulher* na/da Maré. É fundamental destacar que a presença feminina neste espaço é de grande relevância para as atividades econômicas e sociais, já que segundo levantamento do Censo Maré do ano de 2019 dois em cada cinco domicílios têm uma mulher responsável.

Para esse fim foram entrevistadas sete jovens com média de idade de vinte anos. Por se tratar de entrevista semiestruturada, havia um roteiro com perguntas pré-definidas e a possibilidade de ampliação das perguntas mediante a condução da entrevista pelas entrevistadas. Nossos sujeitos de pesquisa são ex-alunas ou amigas indicadas por ex-alunas dos pesquisadores.

Achamos necessário dirigir um breve olhar à escola em que essas estudantes estudaram e que é o *locus* de trabalho dos autores. A Escola Municipal da Paz³ situa-se numa das 16 favelas do Complexo da Maré. É uma escola pública que atende a estudantes do chamado ensino fundamental 1, entre 7 e 14 anos de idade.

Essa escola, cujo nome real faz referência direta a uma das comunidades do complexo da Maré, é a mais antiga da região. Em seus mais de seus cinquenta anos de existência, ela se afirma como um espaço de tradição e referência do poder público nesse território. Sua história é atravessada pela história da favela como podemos ver na sessão anterior.

A proximidade entre os pesquisadores e essas jovens, assim, longe de se configurar como um entrave, revelou uma potência, já que o diálogo necessário a qualquer pesquisa, como a produção de dados, os cuidados éticos garantidos aos participantes, bem como a elucidação acerca da utilização dos dados coletados em campo, aconteceu de forma mais amena e com maior possibilidade de esclarecimentos necessários. Os pesquisadores estiveram sempre refletindo acerca da ética na pesquisa, por meio de “[...] aproximação cautelosa, relação afetuosa, interação sigilosa” (TEIXEIRA, OLIVEIRA, 2010, p. 9).

Acreditamos ainda que as entrevistas, como técnica de pesquisa, nos permitem fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem. (DUARTE, 2004, p. 215).

³ Nome fictício

Tendo feito esclarecimentos acerca da metodologia presente em nosso trabalho, apresentaremos aquelas que compartilharam seus conhecimentos conosco. Conforme supracitado, as sete jovens têm relações com a unidade educacional onde foram alunas, todas moram em diferentes favelas da Maré, o que contribui com percepções diferentes do espaço em que vivem. Isso porque cada uma das favelas possui diferentes configurações socioeconômicas e culturais.

O perfil traçado das jovens aponta que seis das sete jovens trabalham. Duas jovens atualmente fazem cursos técnicos, de administração de empresas e enfermagem, respectivamente. Duas jovens estão fazendo graduação ligadas à educação: uma cursa pedagogia e outra educação física. Uma jovem parou seus estudos após concluir o ensino médio e afirma ter muita vontade de retornar aos estudos e fazer faculdade, uma outra jovem cursou até o 9º ano e revela querer voltar a estudar. Uma jovem tem ensino superior completo, mas não revelou a área de formação.

Esses dados rompem com a visão reificada de que moradores de áreas periféricas sempre teriam níveis baixos de escolaridade. De outra forma, a grande parte dessas jovens conciliam estudos e trabalho confirmando que, para estudantes de classes populares, ao desafio da formação universitária se soma a necessidade de ingresso no mercado de trabalho.

Com relação à identidade e à orientação sexual, cinco das sete jovens declaram ter identidade de gênero feminina e com orientação sexual heterossexual. Duas delas se declaram bissexuais, uma das quais se identifica com o gênero feminino e a outra como pessoa binária. Quanto aos relacionamentos atuais, das sete entrevistadas, apenas três estão em relacionamentos atualmente. Duas não responderam se já viveram relacionamentos estáveis. Três já viveram outros relacionamentos estáveis, uma vive seu primeiro na atualidade e uma jovem afirma não ter tido nenhum relacionamento estável até o momento.

Além disso, o próprio convite para a participação de pesquisa foi seguido de um grato reencontro entre os pesquisadores, que antes disso era e sempre continuará na memória dessas jovens como seus antigos professores. A interlocução ex-aluna e ex-professores busca ainda fazer com que essas jovens se questionem sobre a sociedade patriarcal que destina às mulheres sofrimento e opressão, no entendimento de que “[...] recusar-se a reconhecer a diferença torna impossível enxergar os diferentes problemas e armadilhas que nós, mulheres, enfrentamos.” (LORDE, 2019, p. 243).

Adotaremos aqui nomes fictícios, escolhidos pelas próprias entrevistadas como forma de manter o anonimato tão necessário à pesquisa em ciências humanas. Kika, de 21 anos, uma de nossas interlocutoras, aponta para a interseccionalidade, ou seja, quando há a convivência de dois ou mais movimentos identitários, que se interconectam, dialogam e muitas vezes são usados como forma de opressão: ser mulher e ser mulher na favela, para ela: “[...] é necessário romper muitas barreiras e quebrar esses estereótipos, esses que dizem que meninas de comunidade não têm nenhuma visão do próprio futuro”. (KIKA, 21 anos)

Mais uma vez percebe-se que o discurso destinado aos moradores de favela que os caracterizam como seres sem perspectiva de trabalho ou estudo se repetem em relação à leitura feita acerca da mulher da favela, e muitas vezes se intensificam.

Além do preconceito sofrido pelas moradoras dessas áreas de extrema vulnerabilidade social, os arranjos muito comuns à vida na favela, como a convivência com as leis do tráfico de drogas e o quanto este reproduz o domínio de uma sociedade patriarcal também se apresentam como mais um desafio ao bem-estar das mulheres o machismo e o sexismo. A fala de jovens, como Arizona e Kika, revelam essa dificuldade:

Aqui na comunidade desde muito nova os meninos do tráfico sempre mexeram muito comigo. Eu já deixei de passar por certas ruas pra não encontrar com alguns [...] Chegaram (os traficantes) ao ponto de mexer no meu cabelo e me encostaram. Eu morria de medo até que tive coragem e falei com minha mãe. Assustada com a situação ela foi na boca de fumo e fez reclamação. Graças a Deus isso deu jeito, eles passaram só a me olhar, nunca mais me tocaram. (ARIZONA, 21 anos)

Sim, a sociedade é muito machista, e não é um machismo retratado somente por homens, ainda existem (infelizmente) muitas mulheres que reproduzem esse comportamento. Os homens de comunidade são machistas em toda sua forma, começando por achar que toda mulher é sua propriedade, lançam olhares maldosos e assediam a maior parte do tempo, além de objetificarem a maioria das mulheres, muitos são agressores, e o que vai além é o fato de todos acharem isso normal, então vai virando um ciclo interminável, pais machistas educando filhos a serem machistas (KIKA, 20 anos).

As interlocutoras, como moradoras de favela, apresentam-se em alguns aspectos como sujeito de luta frente às opressões que lhes são imputadas desde sempre, e algumas vezes nos mostrando a rede de proteção que as mulheres de diferentes gerações dessa comunidade criaram como forma de resistir, reverberando entre as diferentes famílias, o exemplo de coletivo demonstrado na seção anterior. Como nos mostra Lola, 21 anos:

[...] se fosse mãe de uma menina, criaria minha filha da mesma forma que fui criada. Ensinando valores, e, principalmente, o seu próprio valor, onde todo mundo é livre para ser o quiser, que não deve aceitar ser tratada com indiferença e nem ser submissa ao seu companheiro, que relações tóxicas devem ser cortadas.

E Kika, 20 anos:

Como minha principal referência eu tenho a minha avó, mulher negra e periférica, que mal teve os estudos completos, mas criou três netos com muita dignidade junto ao meu avô, e graças a ela eu e meus irmãos crescemos muito bem instruídos, onde uma já é formada em enfermagem, e dois caminham em rumo ao fim da graduação, quebrando estatísticas.

Na fala das interlocutoras, as dores e delícias de viver na Maré estão em constante cruzamento, comprovando a fragilidade de conclusões apressadas. A fala de Cristal comprova esse movimento dual: “[...] me orgulho de ter sido criada [na Maré], mas morando fora poderia ter evitado traumas como: ver mulheres apanhando na rua de seus companheiros, pessoas serem espancadas até a morte enquanto imploram para viver.” (CRISTAL, 21 anos)

Sobre esse comparativo, entre morar dentro de uma favela e viver a maior parte do tempo (entre trabalho, estudos e lazer) fora desse território, Kika (entrevistada) aponta a noção de dentro X fora em relação ao ser mulher onde reside:

[...] é preciso ter muita força e coragem para enfrentar o mundo, tanto dentro quanto fora da comunidade [...] Eu penso que o problema em si não é morar ou não na comunidade, é necessário romper muitas barreiras e quebrar esses estereótipos, esses que dizem que meninas da comunidade não têm nenhuma visão do próprio futuro.

Ainda sobre essa questão, Chel, 20 anos nos mostra a problemática interseccional que essas jovens vivenciam ao entenderem o quanto a questão de gênero e atravessa e é atravessada pelo fato de serem moradoras de uma favela, nos remetendo ao que Kimberlé Crenshaw (1989) atenta quando aponta as falhas comunicacionais dos movimentos identitários. Segundo nossa entrevistada: “[...] o problema em si não é morar ou não na comunidade, o problema é que a sociedade sempre problematiza a vivência feminina, sempre que você tenta falar, tem alguém pra querer calar sua voz.” (CHEL, 20 anos)

Sobre esse aspecto, a interseccional idade entre gênero e periferia ganha dimensão maior quando atentamos também para a questão da raça. Lolly (20 anos) nos chama atenção para isso em sua narrativa:

Já teve um caso onde a pessoa me julgou só pelo simples fato de ser moradora da maré e até mesmo nunca mais falar comigo. Durante 3 meses me relacionei com um menino e o pai dela virou para mim e ele dizendo “[...] é com meninas assim que você tem que namorar, meninas brancas. Olha como ela é linda, ela é branca”; desde esse dia eu nunca mais voltei lá, cheguei em casa e chorei muito porque eu realmente me senti muito ofendida, por vir de uma família negra e não me considerar branca!

Contudo, observamos a partir das falas dessas jovens mulheres a despeito do que o feminismo hegemônico nos colocou e coloca a todo tempo que mulheres racializadas são colocadas para fora das disputas ideológicas, inclusive por feministas brancas e homens pretos do movimento preto e que seus lugares de fala também pode ser argumento usado nas tentativas de silenciá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a escrita da conclusão do presente trabalho, as duas pesquisadoras pediram licença ao pesquisador por entendermos que apenas o experienciar do que é ser mulher em uma sociedade patriarcal nos capacita a pintar com cores reais a situação de opressão que vivemos todos os dias. Os escritos seguem ainda com lágrimas de quem, na interlocução com os sujeitos de pesquisa, se depara com os relatos acima.

As palavras das jovens interlocutoras revelam que o ser mulher em nossa sociedade pode ser uma jornada mais ou menos árdua de acordo com o contexto socioeconômico em que nos inserimos, mas que encontraremos em nossos caminhos dificuldades intrínsecas a um padrão feminino criado e reificado todos os dias, que tem entre tantos outros pilares nossa fragilidade, a criação de uma castidade, a necessidade de *ter modos* para sentar, falar ou se portar desde muito pequenas.

O mito da superioridade masculina nos sufoca, assim, todos os dias. Os casos de feminicídio aumentam exponencialmente impulsionados pela certeza da impunidade, bem como pelas palavras daqueles que, em posição de liderança nacional e internacional, se colocam explicitamente como agentes desse projeto nefasto de silenciamento e execução das mulheres.

A canção apresentada no início deste texto, porém, confirma que, apesar do cenário crítico, não vão nos calar facilmente. Nossas irmãs estão em luta há anos por uma sociedade mais justa e igualitária. Lélias, Suelis, Carolinas, Marieles (chamadas pelo primeiro nome intencionalmente, pois estabelecemos com elas uma relação de irmandade que a referência pelo sobrenome desfaz por completo) e tantas outras companheiras *in memoriam* ou na ativa se fazem presentes no momento

mesmo em que as jovens presentes nesta pesquisa e tantas outras se colocam como sujeitos de ação e reflexão.

Por fim, esse texto intenta, com muita timidez, se constituir como mais um dos muitos instrumentos de pesquisa no combate ao machismo e seus males por meio de aporte teórico e do exercício da escuta atenta ao que mulheres jovens moradoras de áreas periféricas estão falando/pensando/fazendo.

Por entendermos que a luta contra o machismo é de todos e não apenas das mulheres, chamamos de volta à conversa o pesquisador, já que “[...] compartilhar pensamentos e práticas feministas sustentam o movimento feminista”. O debate sobre opressões, privilégios e as rotas a serem traçadas a partir das reflexões daí surgidas nos alertam para o entendimento de que “[...] o conhecimento sobre feminismo é para todo mundo” (hooks, 2019, p. 48) e que deve estar em íntimo diálogo com o combate a outras formas de opressão. Como bem nos faz pensar bell hooks, conclamando-nos a refletir sobre o papel do feminismo no mundo, imaginemos com-viver numa sociedade sem dominação, em que as diferenças entre mulheres e homens são entendidas e respeitadas como tal diferenças que são, sem subjugação de um sobre outro, muito pelo contrário, é o *ethos* que determina tal interação.

Um levante feminista não dará conta sozinho de tal transformação, é necessário que cada um, cada uma, que *todas* entendam que se o problema é interseccional, as viradas de chaves também haverão de ser. Nossa luta é contra o racismo, o sexismo, o elitismo e o imperialismo.

É seguindo esse movimento de reflexão/ação que encaminhamos as chamadas *considerações finais*, que longe de apresentarem respostas, deixam indagações para pesquisas futuras na interseção entre mulheres, periferias, sexualidade. A Maré, assim como a fluidez do vai e vem das águas, mostra ainda a necessidade de ruptura com leituras apressadas, já que as coisas, em seus fluxos vitais, estão sujeitas a constantes modificações, negando-se o tempo a receber conclusões padronizadas.

REFERÊNCIAS

- ALVITO, Marcos, ZALUAR, Alba (org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson de Souza e. As favelas como território de reinvenção da cidade. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*. Rio de Janeiro, n. 1, fev. 2013.
- CRENSHAW, Kimberlé W. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, p. 139-167, 1989.
- DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *Anthropological Blues*. In: NUNES, Edison de O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FAVRET-SAADA, Jean. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n. 13, p. 155- 161, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Estados Unidos: Basic Blues Inc Publishers, 1978.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvi Libânio. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- REDES DA MARÉ. *Censo Populacional da Maré*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019.

- TEIXEIRA, Elisabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. Cuidados éticos na pesquisa. *In: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA Elisabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (org.). Metodologias e técnicas de pesquisa em educação.* Belém, Pará: EDUEPA, 2010.
- VALLADARES, Lícia do Prado. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *RBCS.* v. 15, n. 44, out. 2000.
- VARELLA, Drauzio; BERTAZZO, Ivaldo; JACQUES, Paola Berenstein. *A Maré: vida na favela.* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). A aventura sociológica.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 36-46.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Submetido em janeiro de 2022

Aprovado em março de 2023

Informações dos autores

Cristiano Sant'Anna

Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro / Grupo Pesquisa Kékeré / ProPEd / UERJ

E-mail: cs-medeiros@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7797-663X>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0193704992907253>

Isadora Souza Silva

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, SME / Doutoranda ProPEd / UERJ

E-mail: isadora24@bol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0235-3144>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5095236302845350>

Mariana Muniz de Oliveira

PUC-Rio

E-mail: marianamuniz@gmail.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1582-5553>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2833975742776442>